

uma viagem muito louca: algumas considerações sobre palavras pesquisadas por infâncias

Luciano bedin da costa¹

universidade federal do rio grande do sul, brasil

joelma de vargas borges²

universidad nacional de rosário/argentina, brasil

rita de cássia nunes azzolin³

e.m.e.f. neusa goulart brizola

resumo

este ensaio parte de experimentações filosóficas realizadas junto a estudantes de escolas públicas e de uma universidade federal brasileira, tomando o escrever como verbo mobilizador para o pensamento, aprendizagens e “viagens muito loucas”. apresenta “estátuas de nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias” e “inspiradores de mundos”, dois livros organizados por um grupo de pesquisa-extensão voltado à infância e filosofia. dos livros são extraídos fragmentos para pensar o trabalho da infância junto a estes estudantes, a infantes escritores dos 2 aos 95 anos de idade. para além de uma etapa de vida, a infância é aqui compreendida enquanto potência do inaudito, como aquilo que ainda não fala diante de tantas e grandes palavras. as palavras, ao serem pesquisadas por infâncias, tornam-se potencialmente suculentas e um tanto mais arriscadas. mais do que dizer das coisas, as palavras são aqui compreendidas como superfície para que as coisas possam deslizar e, com elas, o próprio mundo. o escrever é aqui assumido enquanto potência de encontro, acontecimento que atualiza redes de amizade e que dispara, junto aos pequenos e grandes infantes escritores, outras relações com o outro e consigo mesmos. o ensaio apresenta algumas imagens fotográficas que, para além de representar ou ilustrar as experiências vividas, pretendem suscitar a excursão do sentido e outras derivações.

palavras-chave: escrita; infância; filosofia na escola pública; formação de professores

a very crazy trip: some considerations about words researched by childhoods

abstract

this paper is based on philosophical experiments carried out with students of public schools and a federal university, taking writing as a mobilizing verb for thought, learning and "very crazy trips". it presents *estátuas de nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias* and *inspiradores de mundos*, two books organized by a research-extension group focused on childhood and philosophy. from the books are extracted fragments to think the work of the childhood next to these students, to infantes writers from 2 to 95 years old. beyond a stage of life, childhood is understood here as a power of the unheard, as that which does not yet speak before so many great words. words, when researched by childhood, become

¹ E-mail: lucianocb@terra.com.br

² E-mail: joelmavborges@gmail.com

³ E-mail: rcazzolin@hotmail.com

potentially succulent and somewhat riskier. more than saying things, words are understood here as surface so that things can slide and with them, the world itself. writing is here assumed as a power of encounter, an event that actualizes networks of friendship and which, together with the small and great infantile writers, triggers other relations with the other and with themselves. the paper presents some photographic images that, in addition to representing or illustrating the lived experiences, intend to elicit the excursion of the sense and other derivations.

key words: writing; childhood; philosophy in the public school; teacher training

un viaje muy loco: algunas consideraciones sobre palabras investigadas por infâncias

resumen

este ensayo forma parte de experimentos filosóficos realizados junto a estudiantes de escuelas públicas y de una universidad federal, tomando el escribir como verbo movilizador para el pensamiento, aprendizaje y "viajes muy locos". presenta estatuas de nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias" e "inspiradores de mundos", dos libros organizados por un grupo de investigación/extensión dirigido a la infancia y filosofía. de los libros se extraen fragmentos para pensar el trabajo de la infancia junto a estos estudiantes, a infantile escritores de los 2 a los 95 años de edad. más allá de una etapa de vida, la infancia se entiende aquí como potencia de lo inaudito, como aquello que aún no habla frente a tantas grandes palabras. al investigarse por infancias, las palabras se vuelven potencialmente jugosas y un poco más arriesgadas. más que el hablar de las cosas, las palabras se comprenden aquí como superficie para que las cosas puedan deslizar y, con ellas, el propio mundo. se asume el escribir como potencia de encuentro, un hecho que actualiza redes de amistad y que dispara, junto a los pequeños y grandes infantile escritores, otras relaciones con el otro y consigo. el ensayo presenta algunas imágenes fotográficas que, más allá de representar o ilustrar las experiencias vividas, pretenden provocar la excursión del sentido y otras derivaciones.

palabras clave: escrita; infancia; filosofía en la escuela pública; formación de profesores

uma viagem muito louca: algumas considerações sobre palavras pesquisadas por infâncias

Um dia eu vi um pesquisador positivista que fazia uma pesquisa sobre infância. Ele me pareceu tão importante. Outro dia eu vi um pesquisador construtivista que pesquisava com crianças. Ele me pareceu tão útil. Um outro dia eu vi um pesquisador bem estranho e que era pesquisado por infâncias. Este eu juro de pé junto que era um tolo, ou um pouco poeta.
(BAIERLE, COSTA, FARINA & FONSECA, 2014, p. 103)

Para iniciarmos uma conversa...

Este ensaio, que se apresenta formalmente enquanto relato de experiência, pretende ser, antes, uma narrativa de experiências (o plural é aqui algo importante). Nas palavras que seguem abaixo procuraremos apresentar alguns movimentos de pensamento, leitura e escrita empreendidos junto a estudantes de escolas e universidades públicas, apostando na potência do contágio e das produções que se fazem no coletivo. Para além da aquisição de competências linguísticas, o que se buscamos é um pensamento acerca da palavra e os modos como a própria sociedade a concebe e com ela se relaciona (compreendendo a escola e a universidade aparelhos institucionais desta mesma sociedade). Pensar a palavra é também pensar os contornos desta mesma palavra, a forma como a palavra é circunscrita a determinados regimes de saber e poder (a que chamaremos de lógica *adultizante*), assim como suas estratégias de recusa e resistência.

A infância surge, então, enquanto conceito-chave e mobilizador de afetos políticos e relacionais. Ao invés de uma mera fase de desenvolvimento, o infantil ressurge enquanto acontecimento de abertura ao inaudito e ao impensável, experiência capaz de inaugurar outros circuitos de relação com o mundo e com o(s) outro(s). Pensar o infantil no universo escolar e universitário não diz respeito a uma infantilização do mundo, mas justamente seu oposto. É diante de um mundo infantilizador, que violentamente infantiliza determinadas posturas, imagens e falas, que nos posicionamos, apostando em encontros capazes de fazer cintilar o inesperado

e de fazer cintilar os corpos nele envolvidos. Falamos de um infantil selvagem, o qual corre à revelia da própria noção hegemônica de infância, de uma infância selvagem do pensamento que faz burilar a linguagem, chacoalhando-a e, por vezes, revirando-a ao avesso.

Ao longo de 2016 e 2017, por meio de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, desenvolvemos uma importante rede de amizades junto a escolas públicas, tornando possível um trabalho contínuo de intercâmbio de pensamento e escrita entre estudantes escolares e universitários. Desta pesquisa surgiu um projeto de extensão, o qual se deteve à realização de oficinas e à produção do que chamamos de saberes significativos. O significativo, aqui, não diz respeito ao que na lógica *adultizante* é tomado por importante, mas o seu oposto. O saber significativo está ligado ao gesto de abertura ao outro, gesto de dar-(se)-a-ver e dar(-se)-a-ler, o que para nós tem sido algo micropoliticamente revolucionário. Como resultado destas oficinas chegamos à publicação de dois livros, os quais contam com escritas de infantes-escretores das mais diferentes idades, dos dois aos noventa e cinco anos. Trata-se de dois dicionários com palavras pesquisadas por infâncias, com palavras que não se contentam com as definições já devidamente assentadas pelas cabeças adultas, e que nos provocam a brincar e a flertar com o novo, trazendo o frescor do espontâneo ali onde as convenções parecem querer ditar as normas. Diante de tais saberes (in)significantes propomos uma concepção de aprendizagem que, para além da aquisição, apreensão e da propriedade privada, é marcada pela ato de soltar e de (ar)riscar-se com o outro.

O livro e suas viagens...

Em um verbete escrito por estudantes da escola básica e universidade lemos o que nos parece uma interessante definição para a palavra livro: "*Livro*: 1. Serve para aprender a falar com as mãos; 2. Um tipo de amigo codificado; 3. Objeto de leitura, sendo grande ou pequeno, bonito ou feio, é sempre um novo mundo cada vez que é

aberto; 4. uma viagem muito louca.” (COSTA, BANDEIRA & MESQUITA, 2017a, p. 131).

Na aparente espontaneidade do verbete nos deparamos com uma camada de profundidade que somente as infâncias são capazes de nos revelar. É na “infância selvagem”⁴ que as palavras são capazes de se estranhar, obrigando-nos à criação de novos sentidos ao supostamente já dado. Por exemplo, em um dicionário escrito por “cabeças adultas”⁵, o que lemos para a palavra livro nos parece bem menos encantador: “*Livro*: 1. Conjunto de folhas de papel, em branco, escritas ou impressas, soltas ou cosidas, em brochura ou encadernadas. 2 - Obra (manusc. ou impressa)”. (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2017).

Enquanto uma definição se arrisca a brincar com o pensamento, a outra se preocupa em adaptar-se diante da dita realidade das coisas. Na definição de gente grande, *um* livro deve necessariamente ser *o* livro. Toda a força de singularidade de *um* livro (disto que faz *um* livro ser diferente de todos os outros livros) é, por força da linguagem, ordopedicamente forçado a se encaixar em uma definição que tranquilize e ao mesmo tempo violento todos os livros do mundo.

O que será então possível dizer de um livro para além de um conjunto de palavras que satisfaça a sua própria definição? Encarar um livro não somente como um “conjunto de folhas de papel” parece ser algo simples, mas não é. Pensar num livro como “um novo mundo cada vez que é aberto” pode ser mesmo “uma viagem muito louca”. O livro deixa de ser um objeto estático para se tornar um objeto de viagem ou, melhor dizendo, para se tornar a própria viagem - e não nos esqueçamos

⁴ A ideia de “infância selvagem” tem sido uma questão movimentadora de pensamento em nossas pesquisas, uma infância aquém da própria concepção corrente de infância, espécie de *protoinfância* que margeia a vida como um todo, inclusive a infância: “Infância: experiência muda no sentido literal do termo, uma in/fância do homem, da qual a linguagem deveria, precisamente, assinalar o limite [...] A infância selvagem age primeiramente sobre a linguagem. É na linguagem que mina o sujeito musculoso e confiante que criamos para nós mesmos” (COSTA & BANDEIRA, 2017a, p. 287).

⁵ A ideia de “cabeça adulta” não está aqui relacionada especificamente à figura do sujeito empírico adulto, mas a uma lógica *adultizante* de pensamento na qual somente alguns indivíduos podem falar e tratar de algo, a espaços de poder que não deixam determinadas pessoas - crianças e também adultos - falarem.

de que não se trata de uma viagem qualquer, afinal se trata de uma viagem “muito louca”.

Encarar o livro como um “amigo codificado” (definição 2 do verbete infantil) nos leva também a outras relações com as tais folhas escritas. O amigo, como bem nos alerta Nietzsche (2002, p.43-44), não é nossa cara metade ou aquele que reforça a imagem que construímos para nós mesmos. O amigo é essa força de estranhamento que nos acomete no encontro com o mundo, uma amizade que pode se dar com pessoas como também com as próprias coisas do mundo, como, por exemplo, com os próprios livros. Pensar o livro como amigo codificado também nos leva a pensar de que não se trata de um amigo qualquer. O livro traz consigo códigos que somente os leitores são capazes de decodificar. No entanto, a decodificação não deve ser considerada como mera interpretação ou entendimento do que estaria supostamente oculto no interior de um livro. Decodificar um livro é, antes, abrir o livro para sua inesgotável força de amizade, força de um encontro com as palavras capaz de nos jogar a águas imprecisas, em viagens capazes de causar inveja à odisseia de Homero (2014), aos mares desérticos de Hemingway (2003) e às ondas afugentadoras de Melville (1998). Para além dos códigos gramaticais ou de um exercício de hermenêutica, a codificação de uma amizade junto ao livro que amamos é a reserva que construímos de que a relação que temos com aquelas palavras escritas é algo da ordem da raridade, um exercício de aproximação que envolve, ao mesmo tempo, cognição e sensibilidade, a cabeça e todo o resto do corpo. Chegamos, assim, à definição 1 do nosso verbete infante, que apresenta o livro como algo que “serve para aprender a falar com as mãos”. A fala que produzimos no encontro com nosso amigo viajante de folhas de papel é uma fala silenciosa que também se dá com as mãos que folheiam cada uma das páginas do livro, com o dedo indicador que sutilmente desliza pela tela do aparelho eletrônico anunciando uma nova página.



Dois corpos e um livro: letra e punho.

Registro: Bryan Carvalho

o caminho entre escola e universidade...

Resolvemos iniciar este texto com o preâmbulo acima na tentativa de mostrar o que tem nos mobilizado nestes últimos anos em nosso trabalho e pesquisas junto às escolas e universidades públicas. Sabedores das dificuldades que envolvem a educação pública em nosso país, do peso que a palavra “público” impõe às instituições de ensino e demais dispositivos do Estado, resolvemos atuar com as armas que mais nos pareciam amigáveis, a saber, com as palavras.

O que dizer do ensino público quando o que se diz - em alto e bom som - é que não há mais saída ao ensino público? O que pensar a respeito do “público” quando o próprio sentido de “público” é sumariamente relacionado como a causa de sua própria falência? Como pensar em uma educação de qualidade “para todos” quando uma parcela significativa da população (assediada pelo discurso apocalíptico do Estado impregnado pela grande mídia) vê este “para todos” como motivo de seu próprio envenenamento?

o outro da escola e da universidade...

Na tentativa, não de responder, mas de provocar estas e outras perguntas, é que resolvemos levar adiante nosso trabalho com as palavras. Nossa investida micropolítica tem sido a experimentação de outros modos de relação com os “outros” que habitam as escolas e universidade, outros, estes, representados pelos nossos estudantes e também por nós mesmos. No que percebemos enquanto docentes universitários e da educação básica é um recorrente aprisionamento do “outro” na figura do diferente-de-mim, alguém passível de ser “visitado”, “conhecido”, “entendido” e, por conseguinte, “aprisionado”. No caso das licenciaturas isto fica bastante evidente na forma como a escola e seus agentes (professores e estudantes) costumam ser tratados, apresentando-se muitas vezes enquanto objetos e campos de estudo. No caso dos currículos, por exemplo, a experiência de contato efetivo do licenciando com a escola costuma ser efetivada em práticas que envolvem observações e realização de estágios, aproximações avaliativas pontuais marcadas por um excesso de pedagogismo, por uma necessidade de “dar conta das expectativas” atribuídas a estes estudantes. No caso das escolas, a presença da universidade costuma ser ainda mais distante, uma realidade muitas vezes nem reconhecida como existente dado o grau de exclusão a que estes alunos estão submetidos. Trata-se do que Dubet (2003) chama de exclusão subjetiva, algo tão ou mais perverso do que a exclusão efetiva produzida pelo descaso das políticas educacionais do Estado:

A exclusão não é somente um fenômeno sistêmico “objetivo”, é também uma experiência subjetiva da exclusão vivida potencialmente como uma destruição de si, já que cada um é responsável por sua própria educação, por sua própria aventura. Ou seja, os alunos excluídos estão ameaçados de se sentir destruídos por sua exclusão, que seria o signo de sua própria “nulidade” (DUBET, 2003, p. 41).

No rastro deste argumento, e trazendo-o ao campo linguístico, não raramente escutamos enunciados como “ir à escola” ou “lá na universidade”, denotando a distância efetivamente vivenciada entre espaços que poderiam muito bem coexistir em maior afetação. Escola e universidade passam a ser este “outro”, uma em relação à

outra, este outro que está “lá” (esperando ou não), habitando a distância intrínseca de um advérbio como este.

Pensar “nós mesmos” como outros é também nos inventarmos em meio aos espaços e também às palavras que nos habitam, espaços e palavras que circundam e que também vigiam os modos de ser professor ou professora, o que pode ou deve ser feito, assim como o que não pode e que não deve ser feito. A Educação - assim como todas as palavras a ela derivadas (professor, aluno, docência, ensino, aprendizagem, didática, currículo, etc.) - é esta coisa recheada de prescrições e de proscricões, coisa ao mesmo tempo etérea (incapaz de ser tocada por completo) e substancialmente material (dado que atua de modo intensivo no corpo dos seus próprios agentes). Em outras palavras, o que chamamos de Educação tem algo da cosmovisão socrático-platônica ao habitar o campo inatingível das ideias sendo necessariamente a expressão de seu próprio simulacro. Por não termos um pé de feijão mágico que nos leve diretamente às nuvens, resta-nos a aventura eminentemente infantil de transitar por elas estando com os pés com/prometidos ao barro, a esta substância informe e imanente da terra, de onde se cria e se desmancham verdades. É o caso do que já nos alertava Nietzsche (1995, p. 18), de que “os velhos que aprendam o que é ter os pés de barro”, de que todo santo, ideia, teoria ou dogma é esculpido da terra molhada e, como tal, suscetível ao desmanche.

Foi essa espécie de ética do barro que nos levou a uma arquitetura de ações que aproximasse docentes e discentes de escolas públicas e universidades, experiências que pudessem efetivamente operar enquanto “infantes selvagens”.

A infância selvagem não termina ou encerra o que inicia. Por onde ela passa: inícios, indícios, incêndios que abrem clareiras onde se movimenta. Seus constantes inícios são apelos do que ainda se tem por fazer, interrogações do que se apresenta como certezas, nascimentos do que está por vir. (COSTA; BANDEIRA, 2017a, p. 292).

Por intermédio do grupo de pesquisa CNPq “Cabeça de Criança: Arte, Educação, Filosofia e Infâncias (AEFI)” e do projeto de extensão “Saberes Significativos: quando a universidade aprende com a escola e a escola aprende com a

universidade” (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), nos vemos mobilizados a pensar encontros potencialmente produtores de infâncias e de amizades. A amizade é aqui entendida pelo viés nietzschiano, uma amizade para com as paixões que envolvem o estar e o fazer-junto, verbos capazes de lançar a Educação para além das palavras de ordem que a aprisionam e dos modos de fazer já devidamente acostumados. Pensamos no estar e no fazer-junto como acontecimentos capazes de esgaçar palavras engessadas, estas que têm por hábito pre/ver os resultados das nossas ações pedagógicas e nos solidificar em meio a um mundo do já sabido, do já visto e do já experimentado. Por meio de experimentações filosóficas, de oficinas e trocas de cartas entre os estudantes de escolas e universidades públicas, nos vemos convocados a cutucar algumas palavras de ordem e perguntar por outras tantas. Nos últimos três anos, diversas foram as experimentações entre licenciandos e licenciandas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Neusa Goulart Brizola (Porto Alegre - RS), experimentações que foram, aos poucos, sendo ampliadas a outras escolas e instituições educativas.

Em uma primeira instância, a ideia era conjugar o que para nós se mostrava como duas demandas mais urgentes:

1. Propor experiências intensivas junto à formação de professores (licenciaturas) que pudessem minimizar a cisão percebida pelos estudantes de que os conteúdos vistos na universidade não dialogavam efetivamente com o cotidiano das escolas, com o que chamavam de “realidade lá fora”.

2. Trabalhar os projetos de vida dos estudantes das escolas públicas, colocando a universidade enquanto mundo com/possível.

Decorrente disso, acabamos por nos perguntar: qual o papel da universidade na formação de professores? E da escola? Será esta apenas um espaço onde a(o)s futura(o)s professora(e)s experimentam conhecimentos aprendidos em suas disciplinas acadêmicas? E os milhões de crianças e adolescentes que passam boa parte dos seus dias em carteiras e pátios escolares, serão apenas objetos de estudo

para observações, práticas e estágios acadêmicos? (COSTA; BORGES; CORRÊA, 2016, p. 76)

No entanto, a ideia nunca foi simplesmente “levar os licenciandos à escola” e tampouco “oferecer informações” aos estudantes da escola sobre a universidade. Mais do que ideias, interessa-nos a tal força do barro, a sensação de que é preciso experimentar (de forma imanente) outras relações com estes espaços e pessoas para que os próprios espaços e pessoas possam efetivamente se ampliar. Trata-se de colocar os pés no barro para perceber a força de construção e dissolução do próprio barro, de colocar o corpo nas escolas e universidade para que as escolas e a universidade se mostrem enquanto possibilidades de aprendizagens outras, para além de conteúdos específicos ou de assépticas informações.

Pensar a produção de saberes que sejam efetivamente significativos impõe a criação de novos arranjos de ocupação dos espaços, de outras táticas relacionais com o outro e de dispositivos que possam acolher os efeitos destes encontros. O significativo destes saberes talvez seja a sensação de presentificação da própria experiência, a sensação de que os corpos discentes e docentes podem vibrar em contato com aquilo que ainda não experimentaram, que as distâncias sociais e culturais são distâncias concretamente construídas e necessariamente reconhecíveis, mas que podem ser ao menos colocadas em estranhamento na relação com o desconhecido, com o até então diferente de mim. O depoimento de uma estudante de 16 anos traduz melhor o que aqui estamos querendo dizer, o su/real que se abre diante de um encontro com este outro:

A visita à UFRGS sempre é muito legal; estar lá, fazer tour na Universidade, conhecer a sala, as pessoas que estão cursando a mesma faculdade que desejamos: é sempre bem emocionante ir lá, pois todos (ou quase todos) têm o sonho de poder estudar lá, e, se tivermos fé, vamos conseguir [...]. São tantas coisas da UFRGS; mas, pra vocês saberem mais, têm que ir visitar, pois a Universidade é algo surreal. (BARRETO, 2017, p. 19).

Essas experiências entre alunos do ensino fundamental e universitários são oportunidades de descobrir interesses comuns e compartilháveis. Geram potências para se colocarem fora de si, de falar sobre si mesmos. Potência da palavra, da

tradução do pensamento e do sentimento. E, através da alteridade, potência para conseguirem se colocar no lugar do outro criando vínculo emocional entre o escritor e o leitor. Nasce, assim acreditamos, o desejo de escrever enquanto possibilidade de compreensão por parte de um possível leitor, tornando-se uma escrita com significado para si e para o outro. E como o exposto na afirmação de Masschelein (2014, p. 35), amparado na leitura de “O mestre ignorante”, de Rancière:

[...] ao surgimento das crianças como “seres de palavra” (*O mestre ignorante*). Mas o que significa “seres de palavra”? Significa dizer que são seres falantes, mas, sobretudo e antes de qualquer outra coisa, que “uma palavra humana lhe foi endereçada, a qual querem reconhecer e à qual querem responder – não na qualidade de alunos, ou de sábios, mas na condição de homens: como se responde a alguém que vos fala, e não a quem vos examina: sob o signo da igualdade” (*O mestre ignorante*).

Contradizer a ideia de que a escola como instituição é incapaz de escutar as crianças. E o escrever não apenas como um verbo em si, mas como um mecanismo disparador do desejo da leitura. Trata-se de romper com a ideia tradicional que somente a leitura é objeto de viagem, curiosidade, de conhecimento de outras realidades, de outras concepções ou sensações de mundos. O inverso se torna possível e verdadeiro, a partir da escrita abre-se possibilidade para essas experiências e o desejo de ampliar visões através da leitura. É o caso do que os estudantes nos relatam através do verbete *Conseguir* (O MUNDO DOS INSPIRADORES, 2017a, p. 55-56).

Conseguir no sentido de alcançar alguma coisa, realizar algo ou até mudar, transformar. Eu hoje consigo ver o mundo com outros olhos! E isso se deu a partir de perceber o quanto a leitura é importante para as nossas vidas. Eu não gostava de ler, não lia nenhum livro, não lia nada! Tudo mudou quando conheci uma pessoa que ama ler e ela me inspirou a mudar. Agora não sou apaixonada por leitura, mas estou começando a ler bem mais que antes. Agora vejo outro mundo, o mundo dos livros!!!!

Essa transformação narrada pela aluna ocorreu a partir de um processo de vários projetos de escrita (troca de cartas com universitários) nos últimos dois anos. Há que salientar a importância da continuidade de projetos e que os resultados só

aparecem com o tempo, com a insistência e com um permanente trabalho em termos de vínculo. Outra escrita que faz transparecer de forma muito bonita o desejo de aprender, de escrever e de se expressar livremente pode ser melhor verificada no verbete *Letras*, produzido por estes mesmos estudantes:

Letras podem ser de músicas, poesias, escritas. Eu gosto de escrever, fazer letras de músicas. Fico olhando as pessoas que compõem músicas e que hoje estão em bandas. As músicas me acalmam e aprendo com elas. Não sou muito boa em textos. Mas estou escrevendo o que estou pensando desde o começo do ano em filosofia. O meu sonho está por vir e é só eu aprender mais e escrever mais, por isso escolhi esta palavra (O MUNDO DOS INSPIRADORES, 2017a, p. 130 - 131).

dois livros-dicionários pesquisados por infâncias...

Em 2017 decidimos alçar voos bastante especiais. Por meio de financiamento CNPq e da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, organizamos dois livros que efetivamente nos levaram a viagens bastante loucas.

Com verbetes escritos por estudantes dos dois aos noventa e cinco anos de idade, publicamos “Estátuas de Nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias”, um livro que contou com quase quinhentos autores provindos de quatorze instituições formais e informais de educação. Colaboraram com o livro alguns pesquisadores infantis do nosso mais nobre préstimo, tais como: Carlos Skliar, Maria Carmen Silveira Barbosa, Walter Kohan, Maximiliano Duran, Daniel Gaivota, dentre outros. Ao longo de 300 páginas encontramos verbetes das mais diferentes temáticas e tonalidades, alguns mais reflexivos, outros mais espontâneos. No livro também constam verbetes oralizados, verbetes traduzidos de Libras e do Mbyá-Guarani.



*Uma infância com 95 anos de idade.
Registro dos pesquisadores.*

[...] um dicionário de palavras pesquisadas por infâncias. No entanto, é um abestado para a infância: confunde tudo, pula as etapas, mistura as fases, sofre de déficit de atenção. Palerma, acredita mesmo que dá misturar as coisas, palavra de gente grande e pequena, tudo junto & ordenado pelo corriqueiro princípio abecedário. (COSTA; BANDEIRA; CORRÊA, 2017a, p. 23).

O livro, este amigo codificado que nos leva a viagens loucas, tornou-se para nós mais do que um simples registro de textos produzidos pelas crianças e demais estudantes. Nos diversos verbetes que compõem os dois livros o que lemos são palavras pesquisadas por infâncias, infâncias incapazes de serem apreendidas por uma mera condição cronológica de vida. Como bem nos apresenta o verbete “infância” escrito por um grupo de estudantes idosos:

Infância: (...) Infância não é o mesmo que ser criança, porque há um pouco de criança na gente. A gente nunca perde a criança que a gente tem. Tem alguma coisinha que a gente sempre leva (COLETIVO ESPERANÇA, 2017a, p. 122).



*Um punhadinho de infâncias empilhadas.
Registro dos pesquisadores.*

“Inspiradores de Mundo” é o livro que organizamos a partir das experiências vivenciadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Neusa Goulart Brizola, localizada na periferia de Porto Alegre, RS, Brasil. O livro conta com a organização de duas professoras e de um professor vinculados à escola, com a participação de cinquenta crianças e alguns docentes da instituição. Ao longo de quatro capítulos nos vemos mergulhados a palavras pensadas e sentidas, a palavras filosóficas e também poéticas. O que lemos em suas entrelinhas é uma saudação à presença da filosofia na escola pública, um exercício filosófico que é igualmente uma aventura existencial aos sujeitos envolvidos. O caráter filosófico diz respeito ao alargamento dos modos de pensar a partir da escrita, sendo sua dimensão existencial a força de transformação que o pensar diferente do que se pensava pode efetivamente carregar. Este duplo movimento pode ser percebido na escrita de uma estudante de 16 anos, tão ávida por questões (com suas “mil coisas na cabeça”) e ao mesmo tempo aprisionada pelas palavras e fantasmas construídos na relação com os outros: “Eu sou uma pessoa que tem mil coisas na cabeça para falar, mas só falo uma coisa, por medo. Na maioria das vezes não falo nada porque tenho medo de errar” (CALDEIRA, 2017, p. 84).

A ideia de “inspiradores de Mundo” foi uma tentativa de operar com o dentro/fora que envolve a escrita e o pensamento, com a fronteira desguarnecida entre o viver, o escrever e o pensar, e que faz com que as palavras escritas por estes e estas jovens carreguem muito mais do que significados ou ideias.

Inspiradoras são aquelas pessoas que, na convivência cotidiana, instigam, suscitam, evocam e provocam pensamentos, sentimentos e ideias que nos entusiasma, influenciam e, assim, transmutam a nossa forma de perceber o mundo. Assim nasce o filosofar: como abertura a possibilidades singulares ao viver e pensar. O pensamento filosófico ensaia continuamente, desse modo, uma relação com o porvir. (PINTO; BORGES ; AZZOLIN, 2017, p. 5)



Tocar para sentir... ver, viver e re(vi-ver)
Registro: Bryan Carvalho

Skliar (2010) em seu artigo “Escrever e ler para ressuscitar os vivos: notas para pensar o gesto da leitura (e da escrita)” nos brinda com um potente enunciado:

Um gesto, apenas um gesto: abrir um livro, ou seja, deixar o olhar, deixar esquecido o olhar, deixá-lo quase abandonado, ao redor de algo que não é seu e que, talvez alguém lhe tenha dado... Porém, que deixe mais ou menos perto, amorosamente, insistentemente, um livro, o gesto de dar a leitura, de dar a ler (SKLIAR, 2010, p.17).



Dar-a-ver
Registro: Bryan Carvalho

Para além do gesto de ler ou olhar o livro, podemos inferir a potência significativa de abrir um livro que é “seu”, que contém palavras suas, suas escritas, suas memórias, suas viagens. Não há como mensurar em palavras a experiência filosófica vivida nas sessões de autógrafos dos dois livros. Como diz Skliar, “dar a ler”, ou nesse caso, dar a escrever e a ler o que os outros escreveram e compartilharam na escrita dos livros. Esses alunos estão dando a ler seus registros ou se dando a ler, se traduzindo, se recriando e criando outros mundos. E na mesma linha de pensamento, em que não há concepção de mundo mas, sim, sensações de mundos, imaginemos que sensação cada pequeno ou grande autor sentiu ao olhar alguém lendo a sua escrita ou quando ofereceu o livro para alguém ler, deixando impresso a sua dedicatória através de um autógrafo...

aprender, escrever, educar e soltar(-se)...

O que aprendemos afinal com a produção de livros como estes? O que pode um livro para além do seu suposto conteúdo? Antes de tentarmos responder a estas duas questões pensamos ser necessário nos demorarmos um pouco na própria de ideia de aprendizagem. Antes de perguntarmos o que podemos aprender com um

livro, perguntaremos justamente pelo aprender, este verbo que, como o verbo educar, nos leva a mirar um bom número de sentidos. Se recorrermos novamente ao dicionário de gente grande (como fizemos no início deste ensaio), saberemos que aprender é somente: “1. Ir adquirindo o conhecimento; 2. Estudar” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2017).

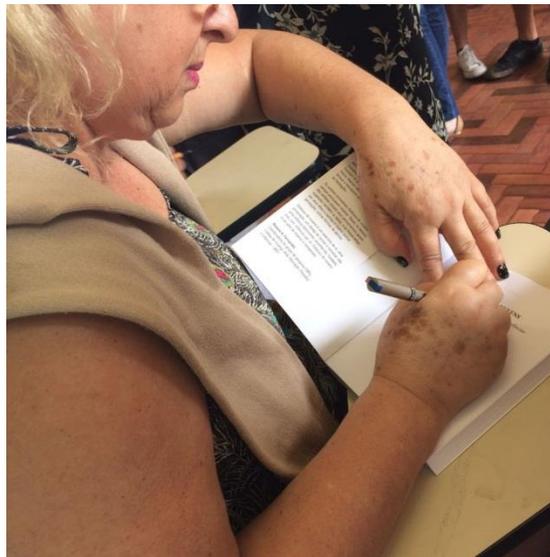
Na primeira definição há uma nítida separação entre sujeito e objeto, entre aquele que aprende e o que é supostamente aprendido. O aprender neste caso aparece como “ir em direção a algo”, este algo nitidamente exterior ao sujeito aprendente, o qual terá a tarefa de tomar para si, de adquiri-lo. Avançando um pouco mais em nossa reflexão, a aprendizagem, tal como está aqui colocada, se daria quando o aprendente enfim se ligasse ao conteúdo a ser apreendido, fusão marcada por uma posse ou possessão. Este talvez seja ainda o grande sentido do aprender vigente nas instituições escolares e que torna o “estudar” (definição 2 do verbete) um exercício individual, estratégico e sisudo para obtenção do conhecimento. No entanto, se formos perguntar a outras vozes ainda não adultizadas encontraremos:

Aprender. Sinônimos: sem prender, liberdade, essência, entender. Frases conceito: aprender está para além das fronteiras escolares. Tu não aprendes se tu te prendes. Aprender é soltar. Pergunta: Nós aprendemos com todas as coisas? (LABORATÓRIO DE FILOSOFIA, 2017a, p. 37).

Esta definição redigida por grupo de filosofia com adolescentes do Ensino Médio nos traz outra dimensão para aprendizagem, não mais condicionada a uma posse, mas justamente efetivada pelo seu contrário. De acordo com esta linha de pensamento, só aprendemos por um processo de “soltagem”, quando nos soltamos do mundo e quando soltamos o próprio mundo para que, ele e nós, possamos agir conforme o inusitado dos encontros e de nossas paixões (o inusitado, aqui, opera enquanto potência de infância). Trata-se, é claro, de uma escolha, de uma decisão, mas uma escolha que envolve também uma espera, a presença de instantes in/decisivos. Como bem escreve um menino de 13 anos:

Escolha é uma palavra que resume praticamente a vida inteira de todos os seres humanos [...]. Paciência também é outra palavra muito importante, que entra dentro da escolha. Se você não tiver paciência o que você escolheu não vai ter nenhum efeito sobre você” (SANTOS, 2017, p. 58).

A escrita, ao que nos parece, atua nesse jogo de escolha e paciência, movimento que envolve a tomada de algumas decisões e ao mesmo tempo a aceitação do tempo necessário para que o escrever se faça, não se limitando à quantidade de minutos ou horas a ela destinados. Nada nos garante que, tendo uma ideia, conseguiremos dar conta de uma escrita. Há sempre as ruelas, as pinguelas, os buracos, os becos e as ruas de chão batido no exercício insólito que envolve o escrever. “Pensar, sentir e escrever são formas de cuidar do mundo interno, tão frágil e mutável, o que repercute sobre o mundo pouco sensível em que vivemos, trazendo consigo oportunidade de recriá-lo.” (PINTO; BORGES; AZZOLIN, 2017, p. 10).



*Auto/grafando(-se) com as pintas do tempo.
Registo dos pesquisadores.*

A aprendizagem, relacionada ao escrever, talvez seja menos a apreensão de novos códigos linguísticos, mas o próprio trabalho do tempo agindo sobre nós, o trabalho inaudito da infância vasculhando as fuligens, fantasmas e sedimentações de

nossa própria história, a aventura tubular de entrar em cavernas tão íntimas quanto distantes. Trata-se de uma aventura de cuidado, de preservação e, também, de a/riscamentos. Aprender, experimentar, escrever, riscar, arriscar-se, verbos destinados aos que, nesta coisa chamada Educação, ainda acreditam no encontro com o outro, na inqualificável força dos que perscrutam estátuas de nuvens. Que a escola e a universidade sejam, uma para outra, inspiradoras de mundos. Este é nosso intento.



*Do tudo que não cabe num livro.
Registro dos pesquisadores.*

referências

- BAIERLE, Aline; COSTA, Luciano B; FARINA, Giane; FONSECA, Letícia. Cartografâncias: 20 notas sobre o pesquisar e ser pesquisado por infâncias. *Filosofía para niños. Revista internacional de los Centros Iberoamericanos de Filosofía para Niños y Niñas y de Filosofía para Crianças*. N.9, 2014, p. 101 - 108.
- BARRETO, Talita S. Emoção (verbete). In: PINTO, Gustavo C.; BORGES, Joelma V.; AZZOLIN, Rita N. (Orgs). *Inspiradores de Mundo*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2017, p. 19.
- CALDEIRA, Maria C. Impossível (verbete). In: PINTO, Gustavo C.; BORGES, Joelma V.; AZZOLIN, Rita N. (Orgs). *Inspiradores de Mundo*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2017, p. 84.
- COLETIVO ESPERANÇA. Infância (verbete). In: COSTA, Luciano B.; BANDEIRA, Larisa V.; CORRÊA, Tatiele M. (Orgs). *Estátuas de Nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a, p. 122.
- COSTA, Luciano B.; BANDEIRA, Larisa V.; CORRÊA, Tatiele M. (Orgs). *Estátuas de Nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a.

- COSTA, Luciano B.; BORGES, Joelma V.; CORRÊA, Tatiele M. O lá fora também pode ser aqui: saberes significativos entre escola e universidade. *Textos FCC*, São Paulo, v. 50, p. 1-148, nov. 2016. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/textosfcc/article/view/4317/3234>>. Acesso em 6 de janeiro de 2017.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/livro>>. Acesso em 5 de janeiro de 2017.
- DUBET, François. A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, julho de 2003, p. 29 - 45. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a02.pdf>> Acesso em 10 de fevereiro de 2017.
- HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Globo, 2003.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LABORATÓRIO DE FILOSOFIA. Aprender (verbete). In: COSTA, Luciano B.; BANDEIRA Larisa V.; CORRÊA Tatiele M. (Orgs). *Estátuas de Nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a, p. 37.
- MASSCHELEIN, Jan. *A pedagogia, a democracia e a escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Rio de Janeiro: Ed. Singular, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Curitiba: Hemus, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- O MUNDO DOS INSPIRADORES. Conseguir (verbete). In: COSTA, Luciano B.; BANDEIRA, Larisa V.; CORRÊA, Tatiele M. (Orgs). *Estátuas de Nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a, p. 55-56.
- O MUNDO DOS INSPIRADORES. Letras (verbete). In: COSTA, Luciano B.; BANDEIRA, Larisa V.; CORRÊA, Tatiele M. (Orgs). *Estátuas de Nuvens: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017a, p. 130-131.
- SANTOS, Maurício R. Escolha. In: PINTO, Gustavo C.; BORGES, Joelma V.; AZZOLIN, Rita N. (Orgs). *Inspiradores de Mundo*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2017, p. 58.
- SKLIAR, Carlos. Escrever e ler para ressuscitar os vivos: notas para pensar o gesto de leitura (e de escrita). In: KOHAN, Walter O. *Devir-criança da filosofia: infância da educação* (org). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 17 - 25.

recebido em: 23.01.2018

aprovado em: 28.02.2018